



# **Marcas culturais na literatura surda infanto-juvenil: um olhar sobre o conto “Adão e Eva” artigo**

Michelle Duarte da Silva Schlemper<sup>1</sup>  
chelly.s@hotmail.com

---

## **RESUMO:**

Pretendemos investigar a presença de marcas culturais da comunidade surda em suas adaptações literárias. Tomando como base a teoria da adaptação de Hutcheon e a Análise Dialógica do Discurso proposta por Bakhtin e o círculo, selecionamos como *corpus* a adaptação surda infanto-juvenil “Adão e Eva” (2005). Sendo uma pesquisa de abordagem qualitativa, baseada em um *corpus* não mensurável numericamente, procuramos identificar e analisar sentidos, sentimentos, sensações, percepções e intenções. Propomos assim, a análise dessa adaptação infantil em suas múltiplas linguagens (gráfica e visual). Estas nos permitem observar a presença latente de marcas culturais próprias da comunidade surda presentes na obra.

---

## **PALAVRA-CHAVE:**

Literatura e Cultura;  
Literatura Surda;  
Adaptações Surdas;  
Literatura e infância;

## **1 Introdução**

---

<sup>1</sup> Assistente em Administração do Departamento de Libras (LSB) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Estudos da Tradução. Graduanda em Letras Libras/Licenciatura pela UFSC e graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (2009). Tem experiência na área de Educação. Desenvolve pesquisas na área de Literatura infantil e Literatura Surda para crianças

Por meio desse artigo pretendemos investigar a presença de marcas culturais ideológico-discursivas da comunidade surda em suas adaptações literárias. Nos apoiando em Hutcheon (2011) para falar sobre adaptações e na Análise Dialógica do Discurso, doravante ADD, proposta por Bakhtin e o círculo, para tratar da presença de marcas culturais ideológico-discursivas na literatura surda, selecionamos como *corpus* a adaptação surda infanto-juvenil ‘Adão e Eva’ (2005) de Fabiano Souto Rosa e Lodenir Karnopp. Esta trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, que de acordo com Silva e Menezes (2005, p. 20), busca identificar e analisar sentidos, sentimentos, sensações, percepções e intenções. Assim, para a metodologia faremos uso da descrição, análise e interpretação (DESTRI e MARCHEZAN, 2021) como ferramenta dialógica de pesquisa, a fim esmiuçar essa adaptação infantil em suas múltiplas linguagens (gráfica e visual), na busca por marcas culturais próprias da comunidade surda.

O acesso à literatura pela comunidade surda brasileira tem se dado em grande parte por meio de traduções e adaptações surdas (MOURÃO, 2011; SCHLEMPER 2016, 2018), Tal afirmação pode ser observada por meio da quantidade de publicações de materiais literários em língua brasileira de sinais, doravante Libras, assim como materiais literários publicados português escrito, *SignWriting* e Libras ilustrada (aqui nos referimos a Libras ilustrada como aquelas gravuras, ilustrações de uma pessoa sinalizando em Libras, abaixo do texto em português)<sup>2</sup>.

A adaptação, assim como a tradução, é uma tarefa dialógica. Parafraseando Sobral (2008) Eu adapto de alguém para alguém. Segundo Albres, “toda linguagem é dialógica, ou seja, todo enunciado é sempre um enunciado de alguém para alguém, e a orientação dialógica é um fenômeno próprio do discurso” (ALBRES, 2014, p. 1154). A adaptação literária é uma conversa entre dois povos, duas culturas, duas realidades. A leitura da obra a ser adaptada pelo sujeito tradutor/adaptador constitui uma enxurrada polifônica de informações, sentidos, cheiros, lembranças etc. Carregada de intertextualidade, para o leitor que conhece o texto adaptado, ela se mostra como um processo dialógico contínuo, no qual somos involuntariamente levados a comparar “a

---

<sup>2</sup> Comum em livros infantis dos clássicos Literários, quando estes se propõem a ser acessíveis, mesmo que observamos mais a presença de um português sinalizado do que a uma tradução para Libras nestas produções.

obra que já conhecemos àquela que estamos experienciando” (HUTCHEON, 2011, p.46).

O sujeito tradutor/adaptador deve estar ciente de si enquanto sujeito criador, coautor de uma obra que chega ou que sai de determinado meio cultural. “A concepção do destinatário do discurso (como o sente e imagina o falante ou quem escreve) é uma questão de enorme importância na história da literatura” (BAKHTIN, 2020, p. 67). Não há o que se falar em invisibilidade, pois, seguindo a perspectiva bakhtiniana, nenhum sujeito é neutro. O objeto do trabalho do sujeito tradutor/adaptador é composto por escolhas, sejam elas culturais, linguísticas ou ideológicas. Escolhas estas que são realizadas a partir de suas experiências de vida, suas vivências enquanto sujeitos enraizados em determinado cronotopo, polifonicamente formado. Por meio dele, as obras podem perviver, alçando voos inimaginados por seus autores, numa renovação permanente da linguagem através dos tempos e das culturas por quais perpassa.

## **2 Ideologia e poder literários**

A linguagem é subversiva, e como a literatura surge da e na linguagem, ela também está carregada de poder subversivo, que não somente subjuga, mas também liberta. Para Barthes (2004), o poder se encontra na palavra, que nos subverte, nos aprisiona e nos liberta. A palavra fascista obriga ao homem a dizer somente o que ela permite, dentro de um contexto de ideologias e regras semânticas e gramaticais. A única maneira de subverter a palavra, de sublevar contra o que ela nos impõe é por meio da literatura. Somente a literatura permite ao homem que dela faz sua morada e refúgio fugir e lutar contra o fascismo da palavra, contra a ideologia de poder à qual a nação é submetida inconscientemente ou mesmo conscientemente. Em todos os meios, em todas as culturas, as ideologias perpassam as culturas e adentram a língua/linguagem humana que por meio da palavra age sobre a formação humana escravizando-a. Na literatura, na escrita e leitura, de escravo o homem tem a possibilidade de tornar-se mestre da palavra, passando por meio da reflexão a fugir e lutar contra a opressão que esta lhe impõe.

Para a ADD, os signos são ideológicos. Ideologia aqui não significa falsa consciência. Significa que todo signo é usado no discurso a partir de uma dada posição social e histórica de um locutor diante de seu interlocutor. Não recebemos palavras neutras da língua, mas signos que vêm de pessoas reais e revelam uma valoração, ou avaliação, do que é dito. (SOBRAL, GIACOMELLI, 2016, p. 10836)

A língua influencia e é influenciada pela literatura. E esta é sonhada, criada, escrita, sinalizada, produzida, traduzida, adaptada e disponibilizada por sujeitos imersos em determinada comunidade linguístico-cultural. Estes adultos, autores e tradutores, consciente ou inconscientemente, carregam para seus textos literários marcas culturais ideológico-discursivas pertencentes à comunidade linguística, as quais pertencem.

Segundo o conceito descritivo de Thompson (1998, p. 166), cultura é “um variado conjunto de valores, crenças, costumes, convenções, hábitos e práticas características de uma sociedade específica ou de um período histórico”. Entendemos, assim, que as obras de arte e literárias são carregadas de marcas culturais ideológico-discursivas, que se apresentam como rompantes de uma determinada cultura presentes nos textos escritos, pictográficos, ideográficos, orais, gesto-visuais, multimidáticos, ou seja, nas multilinguagens que compõe cada obra observada. Sendo mais latentes nas produções literárias de minorias linguísticas e étnicas, não por existirem em maior quantidade nestas, mas por “saltarem aos olhos” daqueles que não as conhecem.

A percepção de tais marcas lembra a noção de *punctum* de Barthes (1984). Ao observarmos, por exemplo, a ilustração de uma criança triste, sozinha, à parte dos colegas que sorridentes brincam, nos sensibilizamos com esta criança. Imaginamos o porquê de sua tristeza, o que poderia ser feito para minimizar tal situação<sup>3</sup>.

Mesmo não conhecendo esta criança, sabendo se a história é baseada em fatos ou não, sentimos e sofremos junto com ela, lhe somos simpáticos à dor. Da mesma forma, independente da intenção de encontrá-las, uma vez que as marcas culturais ideológico-discursivas fazem parte da cena (escrita, pictográfica, gesto visual), como uma flecha elas transpassam o leitor. E “essa ferida, essa picada, essa marca feita por

---

<sup>3</sup> Cena que compõe o livro, *Um mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras*, de Maria A Amin de Oliveira, Ozana Vera Giorgini de Carvalho e Maria Lúcia Mansur Bomfim de Oliveira. Nas páginas 6 e 7, Ana (personagem principal do conto) aparece à parte do grupo que brinca de “dança das cadeiras”. O texto escrito leva a compreender que a menina surda se sente excluída e não sabe o porquê.

um instrumento pontudo” (BARTHES, 1984, p.46) torna aquele que observa mais sensível ao discurso cultural inserido no texto.

## 2.1 Adaptação como disseminação literária

As adaptações literárias transportam para outras línguas e linguagens, em maior ou menor grau, obras literárias não somente escritas, mas registradas em diversas linguagens. Assim como na tradução, por meio da adaptação, há uma passagem transcultural, “quando uma história é adaptada para outras línguas e culturas, e também para outras mídias, isto é, quando ela é ‘indigenizada’ num novo contexto cultural, adquirindo, pois, significados necessariamente diferentes” (HUTCHEON, 2011, p. 9).

Para Hutcheon, “tal como a tradução, a adaptação é uma forma de transcodificação de um sistema de comunicação para outro” (HUTCHEON, 2011, p. 9). Entendemos, assim como a autora, que as adaptações adentram os estudos da tradução, uma vez que uma obra adaptada passa necessariamente por processos de tradução diversos, sejam estes intralinguais, interlinguais, intersemióticos ou intermodais.

A fim de clarificar ao leitor a diferença entre estes tipos de tradução que permeiam as adaptações, abaixo procuraremos elencá-las e exemplificá-las brevemente, de forma didática.

As **traduções intralinguais** são comumente conhecidas na literatura como versões ou simplesmente adaptações. Trata-se da tradução de uma obra dentro da mesma língua para a qual foi criada, também denominada como reformulação (JAKOBSON, 2007). Normalmente, está relacionada a obras criadas para o público adulto e que posteriormente são traduzidas/adaptadas para o público infantil ou infanto-juvenil. Trazemos como exemplo as diversas traduções infantis de *Branca de Neve*.

A **tradução interlingual** foi considerada por Jakobson (2007) como a tradução propriamente dita, pois abarca o processo de transferência de uma obra literária de uma língua para outra diversa, envolvendo os mesmos códigos semióticos, como a

tradução da obra alemã *Kinder-und Hausmärchen* para o português *Os Contos de Grimm*, por Tatiana Belinky.

Com relação à **tradução Intersemiótica**, esta trata-se da tradução que envolve códigos semióticos diversos. Uma obra é traduzida de uma língua ou linguagem para outra semiótica diversa, como exemplo da escrita para cinema, teatro, pintura, música etc. O primeiro teórico a falar sobre tradução intersemiótica foi Jakobson (2007) que definiu a mesma como a tradução entre signos verbais por signos não verbais, mas o conceito foi alargado com o tempo por Campos (1992) e Plaza (2010), sendo que continua a ser estudado e ampliado também dentro das traduções que envolvem línguas de sinais (SEGALA, 2010; SCHLEMPER, 2016).

Já a **tradução intermodal**, para Rodrigues (2018) esta trata-se de um campo novo de estudos e em crescente expansão dentro dos estudos da tradução, e se refere a traduções que envolvem línguas de modalidades diferentes, como no caso da tradução de uma língua oral para uma gesto-visual ou vice-versa.

## 2.2 Adaptações surdas

Como dito anteriormente, nosso *corpus* será composto por uma obra de adaptação surda. O conceito de literatura surda está ligado “à expressão de arte das comunidades surdas, que visam apresentar à sociedade sua língua e cultura, podendo o seu registro se apresentar de forma oral/sinalizada, gráfica e midiática” (SCHLEMPER, 2019, p. 16). Trabalhos como os de Mourão (2011) e Schlemper (2016) fizeram um levantamento de obras da literatura disponibilizadas pela comunidade surda. Para este artigo, fizemos um levantamento das adaptações surdas brasileiras publicadas até 2020. Foram encontradas 12 obras, sendo seus títulos: *Cinderela surda*, *Rapunzel surda*, *Chapeuzinho vermelho surda*, *A cigarra surda e as formigas*, *Patinho surdo*, *Peter Pan*, *Adão e Eva*, *Adão e Eva*<sup>4</sup>, *Negrinho e Solimões*, *Curupira surdo*, *a Fábula da arca de Noé*, e *Onze histórias e um segredo*.

---

<sup>4</sup> Há duas versões impressas da adaptação *Adão e Eva* para a cultura surda, conforme o artigo tratará adiante.

Das obras impressas, algumas são coloridas e outras em preto e branco, algumas possuem texto em *SignWriting*<sup>5</sup> e outras somente em português. Das obras levantadas, somente três possuem tradução/adaptação em Libras (versão gesto-visual midiática), algumas acompanham áudio em português e outras não; algumas têm uma rica edição de imagens e outras não. Ou seja, a diversidade de formatos disponíveis é grande, apesar de ainda ser ínfima a quantidade deste tipo de produção.

Para Strobel (2008) e Mourão (2011), as adaptações surdas acontecem quando há alterações, mudanças claras relativas às questões culturais e linguísticas, durante a tradução de um conto já existente em outra língua e cultura para língua de sinais. De acordo com Hucheon (2011), as adaptações, de forma geral, apresentam alterações feitas em obras do passado, de forma a reconhecer-se que há nestas amplas recriações culturais, “porém, cada texto (como enunciado) é algo individual, único e singular, e nisso reside todo o seu sentido (a sua intenção em prol da qual ele foi criado)” (BAKHTIN, 2020, p.74).

Percebemos que as adaptações surdas estudadas fogem do texto adaptado, ou seja, assim como Hucheon (2011) afirma, nelas podemos perceber alterações em relação ao texto adaptado, de forma a constataremos amplas recriações que levam o leitor à cultura surda, ao procurar, por meio da adaptação, marcar e representar as dificuldades encontradas pelos sujeitos surdos num mundo onde a maioria é ouvinte. Onde o uso da língua de sinais torna-se o único meio viável de comunicação entre surdos e entre surdos e ouvintes.

### 3 Caminhos da pesquisa

Com base em Silva e Menezes (2005), podemos dizer que este trabalho se insere em uma abordagem qualitativa, pois procura identificar e analisar sentidos, sentimentos, sensações, percepções e intenções, ou seja, um *corpus* não mensurável numericamente.

O referencial teórico usado neste trabalho para a leitura, análise e interpretação das formas de produção de sentidos das diferentes linguagens presentes nas

---

<sup>5</sup> *SignWriting* é um dos códigos de escrita de sinais ideográficos utilizados para registro das línguas de sinais.

adaptações surdas, é amparada pela teoria da Análise do Discurso. Para Sobral, (2009) as pesquisas que seguem os princípios da ADD, são orientadas por três parâmetros principais, a saber a) descrição; b) análise e; c) interpretação. Permitindo-se guiar por tais procedimentos, é possível ao pesquisador perscrutar o objeto analisado, o qual para a ADD, “não é dado ou coletado, mas é expressivo, responsivo e construído na relação dialógica” (DESTRI & MARCHESAN, 2021, p. 5).

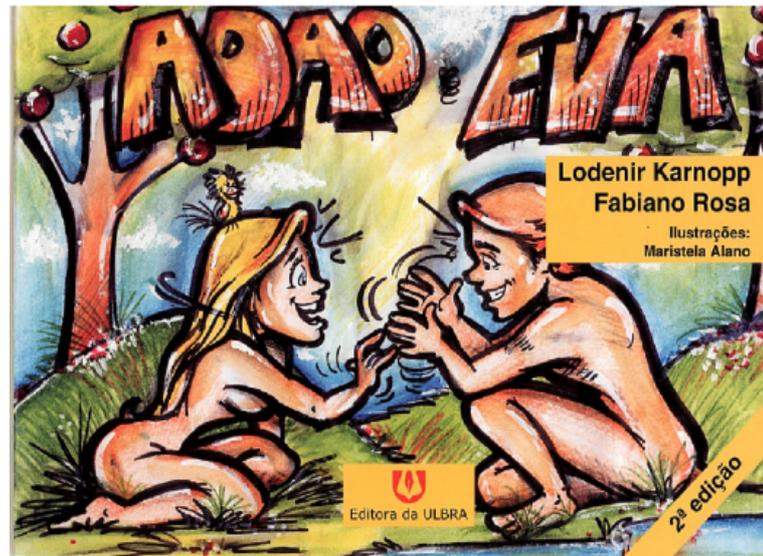
A descrição atém-se a apresentar o objeto em sua materialidade; a análise propõe-se a examinar rigorosamente os enunciados e os elementos enunciativos-discursivos, enquanto a “atividade da interpretação promove a reunião dos dados desenvolvidos e dos conceitos movimentados em análise para a definição da especificidade do objeto e de sua relevância em determinado universo” (DESTRI & MARCHESAN, p. 17).

Foi realizado um levantamento de produções de literatura surda infantil com foco nas adaptações surdas, tendo sido encontradas 12 obras. Para a seleção do *corpus* foram criados os seguintes critérios: 1) Adaptação de um conto conhecido mundialmente para cultura surda (forma impressa); 2) Gênero literatura infanto-juvenil (conto); 3) Produto multimodal (português e ilustração); 4) Criação com a participação de autor surdo; 5) Produzida por equipe de tradutores surdos e ouvintes; 6) Reconhecimento literário dentro da comunidade surda; 7) Material de qualidade produzido por editora.

Dentre as obras levantadas, selecionamos para compor esta análise a adaptação surda “Adão e Eva”, de Fabiano Souto Rosa e Lodenir Karnopp (2005). Por fim, seguindo os caminhos da Análise Dialógica do Discurso, organizamos a análise da obra selecionada em algumas categorias, sendo elas: a) Autores da obra/discurso e o contexto histórico; b) Síntese sobre a obra/discurso; c) Análise das linguagens que compõem a obra.

Perseguindo o objetivo de apresentar a latência da busca da comunidade surda por demarcar um território em que a identidade e cultura surda são presentes em suas adaptações literárias, buscamos analisar as alterações subjacentes na obra de adaptação surda “Adão e Eva”.

Figura 1. Capa do livro Adão e Eva.



Fonte: própria do autor.

a) Autores da obra/discurso e o contexto histórico;

A obra selecionada tem como tradutores/adaptadores Lodenir Karnopp, Fabiano Souto Rosa e Maristela Alano. Seu formato é gráfico, tratando-se de livro infantil com ilustrações para colorir e texto em português para crianças em fase de alfabetização. Não foi publicada com tradução para Libras pela editora, sendo que atualmente podem se encontrar disponíveis gratuitamente na internet adaptações midiáticas tanto em português oral quanto em Libras.

Lodenir Karnopp é ouvinte. Docente da área de educação da UFRS. Ela é linguista, pesquisadora da área de Literatura em língua de sinais e membra ativo da comunidade Surda. Fabiano Souto Rosa é surdo, pedagogo, mestre em educação e docente na UFPS, com pesquisas voltadas para área de educação de surdos e literatura surda. Maristela Alano é surda, artista plástica, caricaturista e decoradora. O fato de os autores/adaptadores da obra, assim como da ilustradora, serem membros ativos da comunidade surda lhes dá autoridade para produção de literatura que venha a ser reconhecida. São sujeitos falando por meio do discurso escrito e visual, empreendido na produção da adaptação surda em questão, a respeito de suas próprias experiências de vida e visões de mundo.

De acordo com Sobral e Giacomelli

cabe obter informações acerca de seu locutor, seus interlocutores presumidos, a situação de sua produção, a esfera de atividades em que surgiu e circula, porque o texto, embora aponte para esses elementos, não os apresenta diretamente. Sem esses elementos, a análise não avança ou corre o risco de se tornar mera especulação. Sem o texto ou apenas com o texto, o analista não tem como chegar ao processo enunciativo. (SOBRAL ; GIACOMELLI, 2018, p.315)

As histórias de vida e contexto político e social são essenciais para apreender a intenção (projeto discursivo) dos autores do discurso. Segundo Bakhtin (2006), a linguagem tem dimensões dialógicas e ideológicas, historicamente determinadas. Toda palavra tem intenções; então, para entender o discurso (o texto falado ou escrito), o contexto precisa ser entendido.

b) Síntese sobre a obra/discurso;

A adaptação surda *Adão e Eva* tem atualmente duas versões gráficas publicadas, sendo uma publicada em 2003 pelo projeto *Libras é legal* para fins didáticos e a outra publicada pela editora da ULBRA, em 2005. Optamos por analisar a segunda por ser disponível ao público geral para compra e ter aspectos gráfico-visuais consistentes para análise desejada. A obra tem como público alvo crianças em fase de alfabetização. Traz imagens grandes e o texto curto apresenta-se numa linguagem simples para o deleite de quem está aprendendo a ler. Somente a capa e contracapa são coloridas, sendo as ilustrações internas próprias para que as crianças possam colorir o livro.

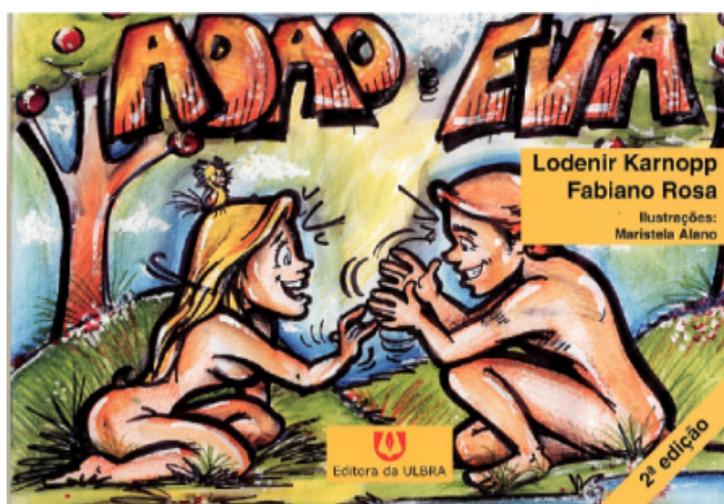
Nascida na comunidade surda, não se sabe quem foi o primeiro a adaptar a narrativa bíblica (parte do livro de Gênesis) em forma de conto para literatura surda. Trata-se de uma adaptação, uma reescritura da narrativa bíblica, da história do primeiro casal criado por Deus. A adaptação inicia dizendo que vai apresentar a história da criação da língua de sinais. Assim, desde o início do conto, tanto o Criador, quanto o homem por ele criado, usam língua de sinais para se comunicar. É por falta de ter mais alguém para se comunicar em sinais que Adão se sente só. Então, o Criador lhe cria uma companheira que também sinaliza para lhe fazer companhia no jardim. Ao desobedecer ao Criador e comer do fruto proibido, Adão e Eva percebem sua nudez e usam as mãos para se cobrirem, o que impossibilita que sinalizem e lhes obriga a usar a boca para falar. A desobediência causa confusão ao trazer a perda da possibilidade de sinalizar. De forma que percebemos, assim como afirma Huctheon (2011), alterações

em relação ao texto adaptado, que levam o leitor conhecer alguns artefatos culturais da comunidade surda. E este novo texto, novo discurso, mesmo sendo uma adaptação, é único e singular (BAKHTIN, 2020).

c) Análise das linguagens que compõem a obra.

A análise das linguagens que compõe a obra procurará contribuir com a identificação de elementos divergentes ou posições antagônicas relatadas pelas vivências dos sujeitos surdos em comparação com o enredo do texto adaptado. Razão esta para usamos a decupagem de algumas das imagens do livro a fim de melhor apresentar visualmente ao leitor nossa análise.

Figura 2. Capa.



Fonte: própria do autor.

Começemos com a ilustração da capa, apresentada na figura 2. O título da obra escrito na capa, **Adão e Eva**, não traz indicações ao leitor de que se trata de uma adaptação surda, como nos casos dos títulos de *Rapunzel surda*, *Patinho surdo* etc., cujos títulos já indicam tratar-se de adaptações surdas. Ao ler o título não há como saber que o conteúdo da obra será diferente da narrativa bíblica, ou outra tradução infantil deste conto. Mas a leitura visual da imagem da capa chama a atenção para as mãos dos personagens que estão se movendo e a expressão facial de alegria deles enquanto conversam despreocupadamente no jardim.

Segundo Sobral (2008) a capa não pode ser considerada isoladamente, mas também ela faz parte do projeto discursivo da obra, onde “a própria organização dos

elementos da capa e da contracapa têm um caráter persuasivo, revelando um trabalho de entoação avaliativa voltado para a indução de uma dada responsividade do interlocutor” (SOBRAL, 2008, p.11).

Compreendemos assim como Sobral (2008) que o texto, independentemente de sua materialidade (som, imagem, sinais etc.), compõe uma unidade lingüístico-composicional, e o discurso, o “processo de mobilização de textos para a realização de projetos enunciativos” (SOBRAL, 2008, p.11). Assim, apresentaremos a seguir algumas nuances do projeto discursivo que compõe a obra de adaptação surda analisada e a fim de expor ao leitor, algumas marcas culturais ideológico-discursivas que fazem parte do projeto enunciativo da obra em suas múltiplas linguagens.

Figura 3.



Fonte: própria do autor

Na figura 3<sup>6</sup>, enquanto a imagem chama a atenção para as mãos do Criador, o texto informa que vai contar a história **da origem das línguas de sinais**, e não a história da criação do mundo, ou da criação do homem e da mulher como apresentado na narrativa bíblica e suas adaptações infantis. Segundo Hutcheon (2011) as adaptações são derivativas, porém nunca derivadas. Estas trazem diferenças latentes acerca do texto de partida, mesmo deixando claro que são adaptações

---

<sup>6</sup> Não serão citadas as páginas do livro, uma vez que o mesmo não é paginado.

Figura 4.



Fonte: própria do autor

Na figura 4, o texto escrito segue a narrativa bíblica **no início de todas as coisas, Deus criou os céus e a terra**. Mas ao observarmos a imagem, a mão de Deus apresenta o sinal **COMO**, com símbolos de interrogação ao lado. Imagem e texto, compõe um único projeto discursivo, que apresenta um prelúdio visual que a seguir será explicado como se desenrolará a história. Um indicativo que quando não pela escrita, a presença da língua de sinais seguirá visualmente no conto.

Figura 5.



Fonte: própria do autor

Na figura 5, o texto escrito inicia seguindo a narrativa bíblica, traduzida para linguagem infantil, na qual Deus cria a natureza e após o homem do pó da terra. A partir de então aparece a alteração para a cultura surda, pois o homem sente-se só ao procurar comunicar-se com os animais sem sucesso. Aqui percebemos o problema da falta de comunicação que aflige os surdos ao tentarem se comunicar com outros que não conhecem a língua de sinais. Até este momento o texto não registra graficamente que homem se comunica em sinais, mas as ilustrações já indicam tal fato. Esta imagem, por exemplo, apresenta Adão usando as mãos, sinalizando, para tentar se comunicar com a onça, que o olha interrogativamente.

Figura 6.



Adão sinalizava para o papagaio, tentando se comunicar, mas o papagaio só cantava.

Fonte: própria do autor

A figura 6, pela primeira vez, apresenta no texto escrito o termo sinalizar. **Adão sinalizava para o papagaio tentando se comunicar.** A ilustração mostra Adão com olhar ansioso, sinalizando, buscando alguém para conversar. O texto informa, **mas o papagaio só cantava.** E a imagem mostra o papagaio fugindo de Adão com olhar interrogativo e de soslaio. Vivência esta comum pelos surdos quando buscam alguém para conversar e o que encontram são olhares de soslaio, pessoas passando ao largo para não terem de parar e se expor ao dizer que não sabe a língua de sinais. Corroborando com Mourão (2012) e Strobel (2013) quando afirmam que as adaptações surdas apresentam ao leitor experiências de vidas surdas.

Figura 7.



Adão estava sentado, e de repente alguém tocou o seu ombro.

Fonte: própria do autor

A figura 7 apresenta Adão sentado contemplativo enquanto uma mulher vem tocar-lhe o ombro. Ele não é chamado, nem Deus lhe traz e lhe apresenta Eva, como ocorre no relato bíblico de Gênesis 2. O toque no ombro, um artefato cultural da comunidade surda, é a forma cultural de chamar a atenção com educação quando não

estamos no campo visual do interlocutor (STROBEL, 2013; ENAP, 2016; FERNANDES e PEIXOTO, 2021). Como ele não a vê, ela lhe toca o ombro.

Figura 8.



Fonte: própria do autor

Em continuidade, a figura 8 mostra o casal alegre, feliz por poder se comunicar em sinais. A narrativa bíblica diz que Adão é responsável por dar nome aos animais. Em contrapartida na adaptação surda é o casal que começa a **criar sinais para todas as coisas que viam**. Criar sinais é nomear os seres. E aqui a história encontra um ápice: **Do encontro de Adão e Eva nasce a língua de sinais do Paraíso (LSP)**.

Figura 9.



Fonte: própria do autor

A figura 9 informa que Deus usa sinais para se comunicar com Adão e Eva. **De repente Deus apareceu e sinalizou. \_ meus filhos...** A forma de registro apresenta Deus como alguém próximo do casal, a comunicação flui por meio da língua de sinais. A ilustração mostra a mão de Deus apontando para a árvore do fruto proibido. A imagem, usando do recurso dêitico, leva a leitura visual para a criança que ainda não sabe ler e chama a atenção do leitor que já sabe ler, pois não aparece o personagem

Deus, o velhinho amoroso de barba branca, mas sim suas mãos, que comunicam e alertam. O enredo da adaptação segue a narração Bíblica quanto à orientação de não comer de determinado fruto, e informa algo a mais: a cor do fruto.

Percebemos que assim como o imaginário secular propaga a maçã como sendo o fruto proibido ao dar cor ao fruto, a adaptação surda leva o leitor surdo, também a também imaginar, a criar formulações sobre qual seria o fruto que o casal não podia comer. Percebemos aqui a polifonia presente no projeto discursivo dos adaptadores. Um emaranhado de vozes do texto adaptado, da cultura popular, das experiências de vidas surdas que passam a compor esta nova obra, única e singular.

Figura 10.



Fonte: própria do autor

A figura 10 inicia a descrição do momento da desobediência a Deus. Aqui a narrativa da adaptação surda toma outro rumo. Adão e Eva estão juntos na tentação. É Adão que se sente tentado e convida Eva a ir embora, lembrando o que Deus tinha orientado. A ilustração apresenta-o sinalizando **NÃO** para ela, que aponta o dedo em direção à árvore cujos frutos estão maduros, vermelhos, deliciosos e provocantes. Há uma conversa entre os dois sobre comer ou não o fruto. Não há cobra, como na narrativa bíblica de Gênesis 3.

Figura 11.



Fonte: própria do autor

Por fim a figura 11 apresenta o término do conto que difere da narrativa bíblica que apresenta Deus questionando o acontecido ao casal e depois os expulsando do jardim. Este término informa que por estarem **impedidos de usarem as mãos, foram obrigados a usar a fala**. Após comer o fruto, o casal, assim como na narrativa bíblica percebe sua nudez e fica envergonhado. No entanto, neste conto não são usadas plantas para se esconderem ou peles para cobrirem-se. São as mãos, que são levadas às partes íntimas para cobri-las. Com as mãos ocupadas tapando sua nudez, o casal se vê obrigado a usar a boca para falar.

A ilustração mostra os dois com as mãos sobre suas partes íntimas e com expressão de constrangimento, vergonha, com as bocas abertas em expressão de fala oral. Ao longo da história de educação dos surdos, houve momentos em que os mesmos foram impedidos de usarem as mãos para falar e serem obrigados a oralizar. Situações que causaram angústia, constrangimentos e sofrimento para muitos surdos. Situações que a literatura denuncia e que comunidade surda luta para que não se repitam.

## 4 Considerações finais

É interessante perceber que em nenhum momento a adaptação ‘Adão e Eva’ aqui analisada menciona que as personagens eram surdas, mas deixa claro que o uso da língua de sinais era natural para elas, ou seja, nos levando a refletir que não somente surdos, mas também comunidades ouvintes podem usar uma língua de sinais para comunicação. No conto, ilustração e texto levam a pensar que em um mundo perfeito,

antes da desobediência (no paraíso), todos sabiam se comunicar por meio da língua de sinais.

Com relação ao uso da fala após a desobediência, a ilustração e o texto mostram que usar a fala para comunicação não foi natural. A ilustração leva a refletir que não poder usar as mãos para se comunicar, assim como ter de oralizar, para os sujeitos surdos, não é natural e pode ser ligado a expressão de vergonha e retração.

A adaptação surda, mesmo seguindo o fio vermelho da história de Adão e Eva, narrativa judaico-cristã, registrada nos capítulos 1 a 3 do livro de Gênesis, traz marcas culturais de vivência e experiência surdas para o enredo tanto escrito quanto ilustrativo, de forma que o texto verbo-visual compõe um único projeto discursivo. Nossas pesquisas nos levam a ponderar que tais marcas, assim como o *punctum* de Barthes (1984), saltam aos olhos tanto da comunidade surda quanto de outros que desconhecem a cultura surda.

A análise da adaptação surda “Adão e Eva” nos leva a refletir que, independentemente da forma de registro, as obras de literatura surda infantil apresentam aspectos culturais próprios das comunidades surdas. Marcas que pungem o olhar daqueles que se permitem a parar e observar para além do texto escrito, pictográfico ou gesto-visual. O ato de ler, a seu modo, também se caracteriza como político, pois, da mesma forma que o autor, os leitores são formados por sua posição cultural e social (REIS, 1992).

As adaptações, assim como as traduções carregam a literatura a lugares que seus autores não intentavam no momento primeiro de suas criações. As adaptações surdas levam à comunidade surda obras que a princípio não lhes pertenciam, mas que, ao serem absorvidas e adaptadas, passam também a ser suas. Assim por meio das adaptações surdas a língua e cultura surda alçam voos em direção a diferentes culturas e realidades.

## Referências

ALBRES, Neiva de Aquino. Tradução de literatura infanto-juvenil para língua de sinais: dialogia e polifonia em questão. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 14, n. 4, p. 1151-

1172, 2014. Acesso em 10 out. 2020. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-63982014000400016](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982014000400016)

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Paulo Bezerra (Organização, Tradução, Posfácio e Notas); Notas da edição russa: Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 3ª reimp. 2020.174p

BAKHTIN, Mikhail. VOLOCHINOV. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. M. Lahud e YF Vieira, São Paulo. Hucitec. 2006, 12ª ed. Disponível em: [https://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Bakhtin-Marxismo\\_filosofia\\_linguagem.pdf](https://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Bakhtin-Marxismo_filosofia_linguagem.pdf). Acesso em 10 out 2020.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Nota sobre a Fotografia. Tradução de Júlio Castanon Guimarães. 9ª imp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, v. 70, 1984. Disponível em: [https://monoskop.org/images/d/d3/Barthes\\_Roland\\_A\\_camara\\_clara\\_Nota\\_sobre\\_a\\_fotografia.pdf](https://monoskop.org/images/d/d3/Barthes_Roland_A_camara_clara_Nota_sobre_a_fotografia.pdf). Acesso em: 11 abril 2022.

BARTHES, Roland. **Aula**. Editora Cultrix, 2004.

BRAIT, Beth. **Linguagem e identidade**: um constante trabalho de estilo. Trabalho, Educação e Saúde, v. 2, n. 1, p. 15-32, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1981-77462004000100003>. Acesso em 10 out. 2020.

CAMPOS, Haroldo de. Da tradução como criação e como crítica. In: **Metalinguagem e outras metas**, v. 4, p. 31-48, São Paulo, Perspectiva, 1992. Disponível em: <http://letra.fflch.usp.br/sites/letra.fflch.usp.br/files/inline-files/Metalinguagem%20e%20outras%20metas%20by%20Haroldo%20de%20Campos.pdf>. Acesso em: 20 out 2020.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Ed. da UFSC, 2011. Disponível em: <https://www.scribd.com/document/481947029/Linda-Hutcheon-Trad-Andre-Cechinel-Uma-Teoria-Da-Adaptacao-2013-Editora-UFSC-PDF>. Acesso em 01 out. 2020

JAKOBSON, Roman. **Os aspectos linguísticos da tradução**. 24. ed. In: Linguística e comunicação. São Paulo: Cultrix, 2007. Tradução: BLIKSTEIN, Izidoro; PAES, José Paulo Disponível em: <https://joacamillopena.files.wordpress.com/2014/02/jakobson-roman-linguistica-e-comunicacao.pdf>. Acesso em 01 out 2020.

PLAZA, Júlio. **Tradução Intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2003. Disponível em: <https://cursointermidialidade.files.wordpress.com/2014/08/traducao-intersemiologica-julio-plaza.pdf>. Acesso em: 10 dez 2020

RODRIGUES, C. H. Tradução e Língua de Sinais: a modalidade gestual-visual em destaque. **Cadernos de Tradução**, v. 38, p. 294-319, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2018v38n2p294>. Acesso: 26 mar 2021.

ROSA, Fabiano Souto; KARNOPP, Lodenir Becker. **Adão e Eva**. Editora da ULBRA, 2005.

SCHLEMPER, Michelle Duarte da Silva; **Traduções infantis para Libras: o conto como mediador de aquisição sinalar**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/176676> . Acesso em: 06 maio 2020.

SCHLEMPER, Michelle Duarte da Silva; **Librando: Compartilhando literatura Surda**. Monografia (Especialização - Curso de Linguagens e Educação a Distância. UFSC. 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/199885?show=full> . Acesso em: 06 maio 2020.

SEGALA, Rimar Ramalho. **Tradução intermodal e Intersemiótica/interlingual: Português brasileiro escrito para língua brasileira de Sinais** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/94582/283099.pdf?sequence=1>. Acesso em : 01 nov.2020.

SILVA, Edna L. da; MENEZES, Estera M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3. ed. rev. atual. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.

SOBRAL, Adail Ubirajara. **Dizer o'mesmo'a outros: ensaios sobre tradução**. SBS Ed., Special Book Services, 2008.

SOBRAL, Adail Ubirajara. As relações entre texto, discurso e gênero: uma análise ilustrativa. **Intercâmbio. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem**, v. 17, 2008. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/3570/2331>. Acesso em: 10 abr 2022.

SOBRAL, Adail. **Ver o texto com os olhos do gênero: uma proposta de análise**. Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso, n. 1, 2009.

SOBRAL, Adail; GIACOMELLI, Karina. Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso-ADD. **Domínios de Lingu@gem**, v. 10, n. 3, p. 1076-1094, 2016.

SOBRAL, Adail; GIACOMELLI, Karina. Das significações na língua ao sentido na linguagem: parâmetros para uma análise dialógica. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, v. 18, n. 2, p. 307-322, maio/ago. 2018.

STROBEL, karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2008.

REIS, Roberto Cânon. **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago, p. 65-92, 1992. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/s80vny> . Acesso em: 21 maio 2020.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998. P. 165-215.



## **Cultural marks in deaf children's literature: a look at the tale “Adam and Eve”**

---

### **ABSTRACT:**

This article aims to investigate the presence of cultural marks of the deaf community in their literary adaptations. Based on Hutcheon's adaptation theory and the Dialogical Discourse Analysis proposed by Bakhtin and the circle, we selected as corpus the deaf children's adaptation “Adam and Eve” (2005), by Fabiano Souto Rosa and Lodenir Karnopp. This is qualitative research, as it seeks to identify and analyze senses, feelings, sensations, perceptions and intentions, that is, a corpus that is not numerically measurable. Thus, we propose the analysis of this children's adaptation in its multiple languages (graphic and visual). These allow us to observe the latent presence of cultural marks of the deaf community present in the work.

---

### **KEYWORDS:**

Literature and Culture;  
Deaf Literature;  
Deaf Adaptations;  
Literature and  
childhood;